



AVALIAÇÃO QUALITATIVA DOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM: COMPREENSÕES EM UMA PRÁTICA DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Ana Paula (anafernandes1996.ap@gmail.com)

Cátia Keske (catia.keske@iffarroupilha.edu.br)

Ana Flávia Carvalho (aninha.carvalho1996@gmail.com)

Franciele Fátima Machado (francimachadote@gmail.com)

Experiências e Práticas Pedagógicas

1. INTRODUÇÃO

A educação brasileira vive atualmente fragilidades que levam o país ao 84º lugar entre 179 países no ranking de desenvolvimento humano segundo a ONU (2020). Dentre os fatores que contribuem para esse cenário, é possível destacar a pobreza, o desemprego, a violência que contribuem para milhares de brasileiros viverem dificuldades tanto em frequentar a escola quanto ao processo de aprendizagem. Para além dessas questões estruturais econômica e sócio culturalmente, a falta de investimento na formação de professores também é um agravante.

Em um cenário complexo como esse, neste texto destaca-se a potencialidade da avaliação qualitativa no contexto escolar. Fazer uso de atividades avaliativas nessa perspectiva é necessário e de grande importância para os professores no cumprimento de algumas de suas responsabilidades profissionais como o (re)conhecimento das aprendizagens e desenvolvimento de seus alunos e a reflexão sobre a contribuição de sua prática pedagógica para a efetividade de suas intenções quanto ao processo de ensino. Os estudantes, por sua vez, têm garantido o direito de ter seu processo de aprender acompanhado.

Elaborado no contexto de um Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Licenciatura em Química no Ensino Médio II (ECSQEMII) do Instituto Federal Farroupilha Campus Panambi, o texto contempla inicialmente a descrição da referida prática profissional, com ênfase nos aspectos relativos à avaliação e, na sequência, compreensões e reflexões sobre algumas implicações das atividades avaliativas.

2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Para a realização do Estágio Curricular Supervisionado em Química no Ensino Médio II, no oitavo semestre do curso, optei por desenvolvê-lo em uma turma de primeiro ano em escola da rede pública estadual localizada no município de Cruz Alta, RS. Com 28 alunos, adolescentes com faixa etária entre 14 e 17 anos, boa parte do grupo apresentava postura agitada e de muita conversa paralela ao contexto da aula, o que exigia que sua atenção fosse despertada. A prática profissional ocorreu no segundo semestre do ano de 2019.

Sendo o ECSEMII posterior ao Estágio Curricular Supervisionado em Química no Ensino Médio I, cursado no sétimo semestre do curso, a turma, os alunos e um



pouco da dinâmica e das relações em sala de aula já eram conhecidas durante o período de observação desenvolvido no semestre anterior. Na tentativa de considerar o contexto da última etapa da Educação Básica e suas especificidades, especialmente quanto à significação de conceitos químicos que seriam abordados, foram realizadas aulas práticas, atividades envolvendo materiais alternativos e tecnologias digitais da informação e da comunicação, atividades em espaços para além da sala de aula, como o laboratório de informática e o laboratório de química.

Desde o início da prática profissional, destacou-se juntos aos alunos sobre a utilização da avaliação qualitativa e a importância da compreensão dos conteúdos e do desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem conforme os objetivos propostos. Destacou-se que o valor atribuído às avaliações era “o que menos importava”, mas sim as aprendizagens em sala de aula.

Ao longo da prática profissional, que totalizou 20 horas aula em 9 encontros, foram utilizadas as funções diagnóstica, formativa e somativa da avaliação. Inicialmente, para identificar conhecimentos anteriores dos alunos, realizou-se uma retomada de conceitos químicos anteriormente estudados, por meio de questões e explicações com síntese no quadro. Os principais objetivos eram reconhecer o que havia sido internalizado por eles sobre determinado conteúdo, bem como a forma e intensidade da participação dos alunos.

Durante as aulas, foi utilizada a avaliação formativa para acompanhar se os alunos estavam desenvolvendo as atividades e internalizando conhecimentos ao encontro dos objetivos previstos para cada um dos encontros. A utilização desse tipo de avaliação foi de suma importância para dar continuidade na prática de estágio, pois o reconhecimento da compreensão (ou) acerca do que estava sendo trabalhado, bem como sua evolução, subsidiava o (re)organização e planejamento da(s) próxima(s) aula(s). Os principais instrumentos utilizados foram: perguntas durante e ao final de cada aula, que deveriam ser entregues à Professora Estagiária e/ou socializadas junto à turma; listas de exercícios ao final com correção coletiva sistematizando no quadro o que aprenderam ou não compreenderam; práticas com uso de materiais alternativos.

Quanto à função somativa, foram utilizados como instrumentos avaliativos a pesquisa em sala de aula, lista de exercícios, questões referentes às aulas práticas no laboratório e prova. Contudo, vale destacar que tais atividades ocorreram ao encontro do proposto pela Escola em seu Regimento Escolar e em sua Proposta Pedagógica. Assim, ocorrem no período específico previsto no Calendário Escolar, quando todas as turmas realizam atividade dessa natureza comum: provas trimestrais equivalentes a sessenta por cento da nota. Para a atribuição de nota aos demais quarenta por cento do total de pontos de cada trimestre, os professores podem escolher os instrumentos que utilizarão como avaliação (RIO GRANDE DO SUL, 2010; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

As dificuldades encontradas no processo avaliativo não foram poucas, pois apesar de parecer um processo simples, atribuir nota a um aluno é uma tarefa árdua, pois “mobiliza corações e mentes, afeto e razão, desejos e possibilidades”. (ESTEBAN, 2013, p. 14). O ECSEMII, assim como os Estágios Curriculares Supervisionados desenvolvidos anteriormente no curso, proporcionou experiências singulares quanto às tarefas de avaliar a aprendizagem e de autoavaliar-se, em um exercício inicial da docência, possibilitando conhecer um pouco da realidade escolar e fazer uso das aprendizagens durante a graduação.



3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Por muito tempo, a avaliação foi usada no contexto educativo como maneira de punir comportamentos não adequados e/ou não esperados de um aluno, além de forma com a qual o professor podia demonstrar “poder” perante sua(s) turma(s) (LUCKESI, 2011). Motivo pelo qual muitos indivíduos desenvolveram medo e até mesmo trauma de ser avaliados. Tensionadas e provocadas por tendências pedagógicas e estudos acadêmicos que colocaram as formas tradicionais de avaliar em xeque, as instituições escolares vêm repensando e reorganizando suas propostas quanto à avaliação da aprendizagem. Conforme destaca Hoffmann (2018, p. 30), “a finalidade primeira da avaliação é sempre promover a melhoria da realidade educacional e não descrevê-la ou classificá-la. Estudos avaliativos destinam-se a construir o futuro e não a descrever ou explicar o presente”.

Atualmente, algumas escolas buscam desenvolver um novo olhar ao aluno no que tange às práticas avaliativas. Fazem isso, tanto por meio de pareceres descritivos para além da atribuição de notas, como pela ênfase à aprendizagem mediada por processos de ensino pautados por maneiras alternativas e diversificadas para avaliar durante o período letivo, não somente em momentos estanques, como o final de bimestre/trimestre/semestres.

Em cenários como esse, é possível que, cada vez mais, a perspectiva de avaliação qualitativa seja reconhecida como postura teórico-prática. Para Hoffmann (2018, p. 30), “a análise qualitativa do conhecimento estende-se para além dos certos e errados, dos satisfatórios e não satisfatórios, revelando a fragilidade de procedimentos avaliativos classificatórios”. Contudo, o processo de avaliação educacional não é tarefa fácil, requer dos professores conhecimento prático sobre instrumentos avaliativos, pois se os alunos aprendem de maneiras diferentes, são necessárias diferentes formas de avaliar.

É necessário ainda que o professor considere as funções e seus respectivos objetivos ao planejar o processo avaliativa, tendo sempre o intuito de reconhecer o nível de aprendizagem de seus alunos. Em sua teoria, Vigotski elabora os conceitos de Desenvolvimento Real e Desenvolvimento Proximal, na relação entre o que o indivíduo sabe e aquilo que pode vir a saber subsidiado pelas interações com o contexto ao seu redor. Nas palavras do autor,

[...] o nível de desenvolvimento real de uma criança define funções que já amadureceram, ou seja, os produtos finais do desenvolvimento. Se uma criança pode fazer tal e tal coisa, independentemente, isso significa que as funções para tal e tal coisa já amadureceram nela. [...] A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento. [...] (VIGOTSKI, 2001. p. 58)

Essa compreensão de Vigotski, permite a defesa de que, no contexto das práticas avaliativas qualitativas, o professor precisa ter em vista tanto sua responsabilidade como mediador quanto planejar práticas que levem ao nível proximal, atentando para aquilo que os alunos precisam de mediação para desenvolver. O professor deve conhecer as fragilidades e potencialidades da turma ao elaborar e/ou propor um instrumento avaliativo, tentando sempre ser coerente na



escolha de forma a permitir a relação entre as atividades desenvolvidas durante as aulas e o que se está propondo nos momentos de avaliação. Reconhecer os entendimentos dos alunos sobre o que aprenderam ao decorrer das aulas deve ser o foco, mas, junto a isso, é necessário que seja realizada uma reflexão sobre sua prática profissional a fim de melhorar o processo de ensino.

Ao planejar o processo de avaliação da aprendizagem, o professor deve estar atento a alguns elementos fundamentais para a elaboração deste ato pedagógico, dentro os quais vale o destaque do conhecimento da turma, os instrumentos que serão utilizados, os critérios e seus objetivos a serem alcançados. Para Hoffmann (2018), antes de desenvolver qualquer tarefa avaliativa é necessário compreender o motivo pelo qual está realizando a tarefa naquele momento e daquela forma, bem como refletir sobre quais serão os aspectos que investigados. Como destacado por Luckesi (2011, p. 299), “para que a avaliação seja possível e faça sentido, o primeiro passo é estabelecer e ter uma ação claramente planejada e em execução”.

Para tanto, é preciso que os conhecimentos docentes acerca da avaliação sejam abordados na formação inicial de professores, pois é essencial que se saiba sobre de forma a fazer escolhas quanto instrumentos e posturas pedagógicas. Segundo Santos (2005), são três os principais tipos de avaliações, sendo elas a Diagnóstica, Formativa e Somativa. A primeira dela é utilizada para “diagnosticar” o que um aluno sabe e o que ele não sabe de determinado conteúdo, investigar e avaliar seus pré-requisitos. Para realizar essa avaliação pode se fazer uso de entrevistas com alunos, ex-professores, orientadores, pais e familiares, exercícios ou simulações para identificar colegas com quem o aluno se relaciona, consulta ao histórico escolar/ficha de anotações da vida escolar do aluno, observações dos alunos, particularmente durante os primeiros dias de aula, questionários, perguntas e conversa com alunos.

É a avaliação que ajuda a detectar o que cada aluno aprendeu ao longo dos períodos anteriores, especificando sua bagagem cognitiva, para auxiliar o professor a determinar quais conhecimentos e habilidades devem ser retomadas antes de serem introduzidos os novos conteúdos previstos nos planos de ensino e de aula. Ela ocorre antes do começo do processo e tem como objetivo estabelecer as necessidades iniciais e subsidiar o planejamento das ações. (SANTOS, 2005, p. 24).

A avaliação formativa é usada para medir a aprendizagem do aluno durante a aula, caracterizada informal e vale pouca nota, o professor como mediador refletirá sobre o processo e tomará decisões para re-planejar suas ações para intervir e adequar suas práticas em sala de aula com o objetivo do aluno aprender e não simplesmente melhorar sua nota. Para utilizar este tipo de avaliação podem-se fazer uso de: Diariamente - revisão dos cadernos, o dever de casa, fazer e receber perguntas, observação do desempenho dos alunos, nas diversas atividades de classe, Ocasionalmente - provas ou outros instrumentos, mais ou menos formais; e, Periodicamente-, testes ao final de cada sub-unidade, unidade, projeto, para aferir a aprendizagem e outros desempenhos dos alunos. “Esse tipo de avaliação procurar identificar as insuficiências na aprendizagem durante o processo, com a função do controle de qualidade do trabalho escolar”. (SANTOS, 2005, p. 23)

Segundo Santos (2005, p. 25) a avaliação somativa “é utilizada com o propósito de atribuir uma nota ou um conceito para fins de promoção e tem função classificatória, isto é, consiste em classificar os resultados obtidos pelo aluno ao final do semestre, ano ou curso tendo por base os níveis de aproveitamento preestabelecidos”. É, contudo, utilizada como uma forma de controle, no final do ano



ou do curso, para avaliar quantos conteúdos os alunos aprenderam, está preocupada com os resultados das aprendizagens. Ela pretende, assim, fazer um balanço somatório de uma ou várias sequências do trabalho de formação verificar, classificar, situar, informar e certificar.

Importantes e necessárias em medidas e tempos diferentes, ao desenvolver cada uma delas, é importante que o professor tenha clareza quanto aos critérios de avaliação que irá adotar, bem como compartilhá-los de forma clara com a turma. Assim como instrumentos avaliativos coerentes com as formas com as quais o professor desenvolve suas aulas, critérios para cada um deles servirão de orientação didática para a compreensão do aluno sobre como desenvolver a tarefa solicitada (HOFFMANN, 2018). Hoffmann (2018) destaca também a importância de “aprofundamento teórico na área de conhecimento” durante a elaboração e correção dos instrumentos avaliativos utilizados, pois só assim o professor tem condições de interpretar as diferentes hipóteses e “caminhos” percorridos pelos alunos.

Segundo Demo (2006, p. 09), “saber avaliar é habilidade crucial do educador, ainda que esta tarefa seja sempre incômoda e problemática. Muitas vezes desanda em prepotência e autoritarismo, também porque é impraticável avaliar outro ser humano de maneira justa”. Contudo, práticas profissionais dos cursos de licenciatura como a desenvolvida, exemplificam que pensar sobre fragilidades ou até mesmo equívocos por parte de professores e instituições de ensino em suas práticas avaliativas permite rever opções teórico-metodológicas e planejar práticas futuras e reflexões dessa natureza irão tornando-se parte da identidade do ser professor.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliar um aluno não é tarefa simples de se realizar, é necessário comprometimento profissional, coerência e reflexão diária referente ao ato pedagógico. É reconhecer as fragilidades e potencialidades de cada turma, é buscar por inovações a fim de que seus alunos obtenham um crescimento educativo, mas é principalmente incentivar a avaliação de forma a instigar a cidadania do educando. A aprendizagem não deve ser considerada apenas em uma nota, pois isso são apenas números, mas sim no seu processo evolutivo em sala de aula.

Em diferentes discussões durante um curso de licenciatura, aprende-se sobre inúmeros tipos de instrumentos que podem ser utilizados durante uma avaliação dentro e fora da sala de aula como, por exemplo, trabalhos individuais ou coletivos, seminários, provas, observação, relatórios, participação em sala de aula, realização de exercícios, redação, entrevistas demonstração em laboratório, etc. Em sua prática profissional, contudo, é o professor que define qual instrumento é mais adequado para cada aula e conteúdo.

O ECSEMI permitiu a ratificação do quão necessário é o professor definir de forma clara os usos que fará dos tipos de avaliação (diagnóstica, formativa ou somativa), considerando suas funções, bem como quais serão os instrumentos avaliativos e seus respectivos critérios, apresentando de forma inteligível para seus alunos o processo planejado. Isto facilita, posteriormente, a atribuição de notas e/ou a elaboração de pareceres para cada um deles.

Compreendeu-se ainda que o professor não pode permitir que se perpetue a representação da avaliação como competição entre ou classificação de alunos. Para isso o professor deve, sempre que possível, realizar a avaliação nas três dimensões,



observando as funções diagnóstica, formativa e somativa em suas aulas, destacando a importância de cada uma das partes do processo e da finalidade maior, que é reconhecer, mediar, acompanhar e sistematizar a compreensão sobre os conhecimentos escolares, sobre os conteúdos trabalhados.

Por fim, vale a ênfase na ideia de que a realização de uma prática profissional como as de estágio curricular supervisionado, proporciona conhecer um pouco sobre o processo avaliativo em sala de aula, possibilitando vivências práticas de conhecimentos teóricos aprendidos durante a licenciatura, o que amplia a aprendizagem na formação inicial do futuro docente. As experiências do ECSEMII são, assim, constitutivas de uma docência futura pautada pela preocupação com o aluno, com o reconhecimento da importância dele, bem como, parafraseando Demo (2006), para com os cuidados para que ele aprenda.

5. REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. *Avaliação: para cuidar que o aluno aprenda*. São Paulo: Criarp, 2006.

ESTEBAN, Maria Tereza. *Escola, currículo e avaliação*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliar para promover: as setas do caminho*. 17 ed, Porto Alegre: Mediação, 2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. São Paulo: Cortez, 2011.

ONU - Organização das Nações Unidas. Declaração PNUD faz lançamento nacional do Relatório de Desenvolvimento Humano 2020. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/105555-pnud-faz-lancamento-nacional-do-relatorio-de-desenvolvimento-humano-2020>> . Acesso em :30 ago.2021.

RIO GRANDE DO SUL. Secretário de Educação do Rio Grande do Sul. **Projeto Político Administrativo Pedagógico**. Cruz Alta/RS, 9ª CRE, 2010.

RIO GRANDE DO SUL. Secretário de Educação do Rio Grande do Sul. **Regimento Escolar**. Cruz Alta/RS, 9ª CRE, 2017.

SANTOS, Clóvis Roberto (org). *Avaliação educacional: um olhar reflexivo sobre sua prática*. São Paulo: Avercamp, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *A Construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução Paulo Bezerra.